

*Manuel Ferreira Patrício
(Org.)*

EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

*As Perspectivas do Movimento
da Escola Cultural*



VI Congresso da AEPEC
Associação da Educação Pluridimensional e da Escola Cultural



PORTO EDITORA

2006

ÍNDICE

Título: EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL
As Perspectivas do Movimento da Escola Cultural
Organizador: Manuel Ferreira Patrício
AEPEC – Associação da Educação Pluridimensional e da Escola Cultural
Campo Grande, 380 – Lote 3C – Piso 0-D – 1700-097 Lisboa
Design (miolo): Maria Emília Apolinário
Editora: Porto Editora

© PORTO EDITORA, LDA. — 2006
Rua da Restauração, 365
4099-023 PORTO — PORTUGAL

Reservados todos os direitos.
Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo electrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização escrita da Editora.

 **PORTO EDITORA** Rua da Restauração, 365 4099-023 PORTO · PORTUGAL
www.portoeditora.pt E-mail pe@portoeditora.pt Telefone (351) 22 608 83 00 Fax (351) 22 608 83 01

CUI/2006 ISBN 978-972-0-34078-8

Este livro foi produzido na unidade industrial do **Bloco Gráfico, Lda.**, cujo Sistema de Gestão Ambiental está certificado pela APCER, com o n.º 2006/AMB.258
Produção de livros escolares e não escolares e outros materiais impressos.



PREFÁCIO	7
I PARTE – ENQUADRAMENTOS GERAIS	11
CAPÍTULO I – EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL: CONCEITOS E RELAÇÕES ..	13
▣ O sentido pedagógico do trabalho enquanto categoria antropológica <i>Adalberto Dias de Carvalho</i>	15
▣ Educação e formação profissional: conceitos e relações <i>António Santos Carvalho</i>	21
▣ Educação e formação profissional: os contextos e as inter-relações <i>Júlio Pedrosa</i>	29
CAPÍTULO II – A SITUAÇÃO EM PORTUGAL E NA EUROPA	35
▣ Educação e formação: a perspectiva da CIP <i>Rui Nogueira Simões</i>	37
▣ Educação e formação: a perspectiva da UGT <i>João Proença</i>	43
▣ Educação e formação: a perspectiva da CGTP-IN <i>Manuel J. Pisco Lopes</i>	49
▣ Educação e formação: a perspectiva do DES-ME <i>Domingos Fernandes</i>	57
▣ Educação e formação: a perspectiva do OEFP-MTS <i>Acácio Catarino</i>	65
▣ Educação e formação profissional: os novos perfis de competências para os graduados pelo ensino superior <i>Sérgio Machado dos Santos</i>	69
CAPÍTULO III – PERSPECTIVAS PARA O FUTURO	79
▣ A educação e a formação profissional: o futuro de uma insustentável dicotomia <i>Joaquim Azevedo</i>	81
▣ Educação e formação profissional: que futuro? <i>Manuel Ferreira Patrício</i>	85

DUAS MEDITAÇÕES DE PENDOR ESPECULATIVO EM TORNO DA EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

ARTUR MANSO

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO MINHO

*Nenhuma acção pode ser sã e viável se desprezar totalmente ou se repelir,
quer uma preocupação de eficácia, quer o contributo de uma vida espiritual*
(E. Mounier)

É experimentando, é vendo, que se aprende e não pelo livrinho, o manual
(Agostinho da Silva)

1.ª MEDITAÇÃO – A EVIDÊNCIA: O HOMEM ANTECEDE A PROFISSÃO

As histórias primordiais que fabulam sobre a origem da humanidade contam muitos episódios acerca do Homem e do seu destino. As mais antigas põem o Homem a par dos deuses a desfrutarem juntos as delícias de um jardim celeste, onde apenas há a partilha de um espaço e tempo deslumbrantes de forma natural.

Contam, também, que um dia a insatisfação grassou no seio dos humanos, que começaram a trair os deuses seus companheiros, e estes, respondendo a tamanha ousadia, afastaram-se cada vez mais, deixando os homens à sua inteira mercê.

O Homem, então, caiu em desgraça e os deuses deixaram de providenciar o seu dia-a-dia e em consequência, para fazer face às adversidades começaram a aguçar o engenho e a requintar uma arte que lhes permitisse dominar a natureza.

Lembremos, por exemplo, o Génesis, onde o deus de Adão, após este ter pecado, amaldiçoa a terra e o condena, bem como a toda a sua descendência, ao trabalho penoso que garanta doravante a subsistência, quer para si, quer para os seus descendentes. Ou Prometeu que após ter roubado o fogo aos deuses que tudo podiam, ganhou a condenação exemplar de ficar preso ao rochedo e alimentar com as suas entranhas, dia após dia, a águia ciosa que o devorava de noite, para o dia seguinte voltar a garantir o seu corpo reconstituído e intacto para o suplício do degredo.

Afastado por vontade mais ou menos própria da unidade original, o Homem individualizou-se e, para tornar menos penosa uma existência que não controla no que é mais essencial, começou a segmentarizar o real para melhor o controlar; e não mais parou.

Em *Prometeu Agrilhado* ficamos a saber que para os «mórtais todas as artes vieram de Prometeu» (Pereira, 1982: 193). Mas sabemos também que o seu irmão Epimeteu, ou aquele que age sem pensar, pelo seu comportamento indolente e contemplativo, não acatou os avisos do seu irmão, e inebriado pela beleza estonteante de Pandora, quis saber de que era constituída a bondade de tamanha oferta, vendo sair da panela todos os males da humanidade, mas teve o discernimento suficiente de manter af guardada a esperança de que um dia as pazes com os deuses se possam fazer, e para o Homem se poder redimir da sua soberba.

Em consequência, muitos têm visto no avanço da técnica a capacidade definitiva de o Homem, por fim, superar as contingências que vêm limitando a sua acção, ao fazer com que do nascimento até à morte haja um declínio inexorável e uma fatalidade incontrolada.

O elitismo grego cedo estabeleceu a diferença entre as *artes liberais*, de que constavam a literatura e a poesia, e às quais só os homens livres se podiam dedicar, e as *artes servis*, que incluíam a pintura e a escultura e só podiam ser exercidas pela mão de obra escrava, constituindo estas o grosso daquilo a que hoje se chama produção.

O Livro IV da *República* utópica desenhada por Platão diz-nos que a cidade ideal tem três classes, a dos *guardiões*, a dos *militares* e a dos *artífices*, tal como a alma do indivíduo tem três elementos, o *apetitivo* a que compete obedecer, o *espiritual* a que compete assistir e o *racional* a que compete governar e terá de possuir as virtudes da *sabedoria*, *coragem*, *temperança* e *justiça*, encontrando-se a primeira nos guardiões, a segunda nos guerreiros, a terceira na harmonia geral de todas as classes. À justiça compete que cada um exerça na sociedade a função para que for mais dotado.

Mas se na estrutura racional de Platão a formação de guerreiros e artífices não constituía problema de maior, o mesmo não se passava com a formação do Rei-Filósofo tantas vezes tentada e nunca conseguida. Daqui se pode deduzir que por bem importante que seja o trabalho manual e o exercício de uma actividade prática, sem um poder de agregação abrangido por uma sabedoria maior, ou por um saber que agregue vários saberes, a organização social, mostrar-se-á sempre imperfeita.

Xenófanes que antecedeu Platão, já tinha alertado que «melhor do que a força de homens e corcéis é a nossa sabedoria [...] não é justo preferir a força à notável sabedoria» (Pereira, 1982: 119). E para dar mais que pensar tinha Teógnis, em relação aos homens afirmado que «um é menos hábil, outro mais, para cada trabalho. E não há ninguém que seja sábio em tudo» (Ib.: 144).

O enciclopédico e cientista Aristóteles, primeiro discípulo e depois crítico de Platão, afirma em *Política*, VIII, 1337b, que a especialização em excesso é imprópria de um homem livre. Mas porventura seria própria de um homem servil?

E a discussão em torno da profissionalização como recurso a uma especialidade restrita do amplo conhecimento humano não mais deixou de se fazer.

O século XX que culminou num avanço científico e tecnológico talvez acima das próprias expectativas do homem, embora tenha desconsiderado o debate, nunca deixou de equacionar o problema. A discussão está a ser retomada na sociedade da abundância e do tempo livre que o avanço tecnológico vem permitindo.

Pena é que estas questões só afectem parte da população mundial, precisamente o denominado mundo ocidental, pondo mais de dois terços da população, condenada a uma vida infra humana, que para aguentar as contingências do dia a dia recorrem ainda a conceitos científicos arcaicos, e porque não têm dinheiro nem maneira de o arranjar vêm as suas existências transformarem-se em tormentos consecutivos, afastados cada vez mais dos cuidados de higiene e saúde primários e votados à sua sorte por apenas terem nascido numa parte do globo que não participa da produção da riqueza dos todo poderosos países ocidentais. Os ganhos científicos e a tecnologia de ponta conquistada pelo ocidente não serviram nem estão a servir de nada a essa imensa população que continua vítima da sorte que a meteorologia e outros imponderáveis os vai votando.

É tão estranho lhes soa a poderosa tecnologia da informação com internet e correio electrónico, televisão digital... a esta imensa população que não sabe e não se prevê que venha a aprender as rudes técnicas da comunicação universal que se fixaram no ler, escrever e contar.

De vocação humanista e libertária, o pensamento de um dos maiores vultos que Portugal conheceu no século XX, Leonardo Coimbra, ao reflectir sobre o estado da educação nacional no primeiro quartel do século agora findo, lembrava-nos que «o homem antes de ser especialista, é um homem e só será um homem completo com as capacidades científicas, filosóficas, técnicas e estéticas» (Coimbra, 1983: 950).

2.ª MEDITAÇÃO – O PARADOXO: A PROFISSÃO REALIZA O HOMEM

Parece verdadeiro desde sempre que o Homem necessita do trabalho para poder viver. E se no sentido material do termo, isto nem é de estranhar, no sentido existencial, onde cada um se encontra a sós com o seu destino, já faz pensar os mais atentos.

O pastor Hesíodo, que no vagar do pasto dos seus gados produziu belos textos, quis logo deixar bem vincada a necessidade do trabalho. Por isso nos diz em *Trabalhos e Dias*:

*Pelo trabalho é que os homens enriquecem em gados e bens.
E aqueles que trabalharem são muito mais caros aos imortais.*

Trabalho não é vileza, vileza é não trabalhar. Se trabalhares, em breve o indolente te inveja a prosperidade [...].

Na situação que te deram os deuses, o melhor é trabalhar.

Cuida da tua vida, desviando o ânimo insensato das alheias riquezas para o trabalho, como eu te exorto. Uma vergonha pouco recomendável acompanha o indigente.

(Pereira, 1982: 87)

Assim, o trabalho aparece como necessário ao Homem que nasceu livre, mas que ou para a remissão do pecado ou para ser digno da vida que lhe deram, do trabalho e pelo trabalho alimentará os seus interesses diários.

Talvez a grande diferença dos antigos, onde as escolas ainda não se tinham instituído e democratizado, sendo mesmo supérfluas numa sociedade que se queria bem organizada, tenha sido o bom senso de perceber que a especialização era um contra-senso em relação à humanidade. Pois ao fazer com que o indivíduo se especializasse em algo, estava a contribuir para o impedir de alargar horizontes e poder ter outras experiências e outros contactos com o legado humano do saber.

Veja-se o caso do Renascimento, onde pela primeira vez e fruto da industrialização do mundo ocidental se começou a proceder ao ensino técnico para assim ficar garantido o manejo das máquinas que iam surgindo, mas não abdicaram de «retornar» ao humanismo grego para poderem ter uma educação mais completa. E o Renascimento foi tão importante ou mais que o século XX. O Renascimento é a era dos Descobrimentos, e estes os percursos dos tempos modernos. Talvez os renascentistas tivessem pressentido que se todo o ensino e instrução se basearem apenas num ensino profissionalizante, então estaremos a um passo de transformar as pessoas em meios para atingir fins. E infelizmente a falta de senso geral das actuais políticas educativas tem vindo a transformar esse receio em prática quotidiana.

Antes de as escolas serem obrigatórias, o que só aconteceu nas últimas décadas do mundo ocidental, já havia mestres e discípulos no que se refere a todo o conhecimento e por maioria de razão nas artes manuais e capacidades técnicas. Fazendo uma excursão pelas profissões que garantem as actividades do dia-a-dia, tais como carpintaria, trolhas, pintores de construção civil, mecânica... e até alguns artistas plásticos, verificamos que a aprendizagem não depende directamente de um plano de estudos prévio. Aprende-se a ver fazer e a fazer pouco a pouco aquilo que se vê fazer. Seguidamente e com o passar do tempo, apuram-se as capacidades individuais de cada aprendiz, o que fará com que uns se mantenham «auxiliares» ou «serventes» e os outros se tornem em «artistas» ou «mestres».

O reconhecimento de tais conhecimentos é o mais largo quanto possível, pois envolve toda a população a que querem prestar os seus serviços e não apenas um júri de três ou quatro pessoas que após a resposta a meia dúzia de questões que os manuais reproduzem, decidem se um indivíduo está apto ou tem condições para realizar determinada actividade. A contemporaneidade, ao sujeitar toda a preparação profissional ao ensino oficial, inviabiliza o despertar natural de muitas vocações ao mesmo tempo que certifica indivíduos inábeis para realizar profissões da maior responsabilidade social e colectiva. O pendor teórico do ensino profissional indicia o afastamento do indivíduo da possibilidade de se conseguir realizar plenamente numa profissão. Até porque a sociedade tende a valorizar mais umas profissões em relação a outras e a procura do que é mais valorizado faz-se apenas e só com o recurso à capacidade cognitiva dos indivíduos, e o conhecimento adquirido e consolidado por si só não garante o bom desempenho de uma actividade profissional.

Hermann Hesse, no seu belo romance sobre as aprendizagens e as relações mestre/discípulo, denominado *Narciso e Goldmundo*, dá-nos conta de muitos destes paradoxos, bem como das relações nem sempre pacíficas entre teoria e prática. A dado passo, faz com que Narciso, o Mestre e o abade, constatem no seu amigo e também discípulo Goldmundo: «queres dizer que não tens consideração pelo pensamento, só o aprecias pela sua aplicação ao mundo prático e visível».

Entre nós, Agostinho da Silva, em relação ao Mestre que o século XX foi preparando, deixou-nos o seguinte pensamento: «não o quero especialista, porque a sua missão não está em transmitir uma ciência; essa, ou há-de o aluno aprendê-la ou não será; para ser homem precisa o moço de um mestre; sozinho, numa ilha sozinha, poderia ser um bom zoólogo; para tornar-se pessoa precisa do insistente contacto de pessoas, de homens que amem a vida e não apenas a escultura ou a física» (Silva, 1988: 42).

E a prática quotidiana foi ganha muitas vezes com truques sedutores aos povos mais bravios. Contam algumas histórias da História que os jesuítas chegados ao Brasil com os colonos portugueses, conquistaram o coração e a confiança dos povos índios recorrendo ao som dos instrumentos musicais, ao qual se iam rendendo de forma incondicional e em massa.

Mas a História parece não ser mais referência para quem pensa a política educativa. Se assim não fosse, haveria outra preocupação quando se pensam os planos oficiais do ensino profissional. Todas as escolas deveriam estar abertas a todos os que as procurassem, viessem de onde viessem e tivessem as habilitações que tivessem. E se há necessidade de fazer qualquer tipo de selecção, então, deveria haver menos preocupações com os pré-requisitos de pendor científico (tais como Matemática, Física, Inglês...) e mais empenho no desvendar de verdadeiras vocações que não podem ser impedidas de se tornarem plenas por causa dos pré-requisitos artificiais que uns e outros foram validando, para com eles validar também uma sociedade de homens extremamente tecnicizada e pelo poder absoluto de a ciência alienar o trabalho de cada um em actos mecânicos e repetitivos que anulam qualquer possibilidade de um indivíduo ser aquilo que pretendia ser, para se tornar em mais uma peça da imensa engrenagem onde a educação e a profissionalização o quis encaixar.

Assim, resta a esperança de que no advento das altas tecnologias ainda haja quem se preocupe com a ideia de que a especialização e o alto pendor científico que tanto preocupam a educação moderna, estão a impedir o desenvolvimento do Homem Total por amputar o ensino de uma formação artística que libertaria os indivíduos dos interesses materiais (cf. Misrahi, 1993). Ou ainda quem se preocupe com o fortalecimento da democracia que a educação deveria incentivar, não preparando apenas os indivíduos para o desempenho de uma profissão, mas também para o exercício pleno da cidadania, fortalecendo assim o espírito democrático da quase totalidade do mundo ocidental (cf. Ricoeur, 1993).

Para terminar, deixo um pequeno desabafo de um intelectual português que tanto se interessou pelo sentir característico do seu povo. Refiro-me a Miguel Torga: «Reajo

como posso contra uma pedagogia que se esquece de acrescentar às lições de quantas ciências ensina que as aves cantam, que as águas sussurram, que só há um acto que o homem pode repetir eternamente com originalidade: olhar a natureza», e este olhar, por ser congénito ao Homem, nenhuma formação especializada o poderá transmitir.

BIBLIOGRAFIA

- AFONSO, José António (1999). *Identidades pagãs*. Porto: Edições Mortas.
- ARISTÓTELES (1999). *Política*. Trad. Lisboa: Vega.
- COIMBRA, Leonardo (1983). «Problema da educação nacional». In: *Obras de Leonardo Coimbra*. Vol. II. Porto: Lello & Irmão. pp. 919-954.
- HESSE, Hermann (1998). *Narciso e Goldmundo*. 5.ª ed. Trad. Lisboa: Guimarães.
- LYOTARD, J. F. (1993). «O saber já não é um meio de emancipação». In: AAVV (org. Anita Kechikien). *Os filósofos e a educação*. Trad. Lisboa: Colibri. pp. 49-53.
- MANSO, Artur (2000). «Para uma educação do amor e da pessoa». In: *Prof. Doutor José Ribeiro Dias – Homenagem*. Braga: Universidade do Minho. Instituto de Educação e Psicologia. pp. 201-216.
- (2000). *Agostinho da Silva: aspectos da sua vida, obra e pensamento*. Vila Nova de Gaia: Estratégias Criativas.
- MISRAHI, Robert (1993). «Educar para a alegria, não para o trabalho». In: AAVV (org. Anita Kechikien). *Os filósofos e a educação*. Trad. Lisboa: Colibri. pp. 13-17.
- PATRÍCIO, Manuel Ferreira (1996). *A Escola Cultural. Horizonte decisivo da reforma educativa*. 3.ª Ed. Lisboa: Texto Editora.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha (1982). *Hélade. Antologia da cultura grega*. 4.ª ed. Coimbra: Instituto de Estudos Clássicos. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- PLATÃO (1983). *República*. 4.ª ed. Trad. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- RABELAIS (s/d). *Gargântua e Pantagruel*. Trad. Lisboa: Amigos do Livro.
- RICOEUR, P. (1993). «É importante manter, desde o início, a dimensão política da educação». In: AAVV (org. Anita Kechikien). *Os filósofos e a educação*. Trad. Lisboa: Colibri. pp. 71-76.
- SILVA, Agostinho da (1988). *Considerações e outros textos*. Lisboa: Assírio e Alvim.

VALORES, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

PAULA QUEIRÓS / PAULA BOTELHO GOMES / PAULA SILVA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E DE EDUCAÇÃO FÍSICA
DA UNIVERSIDADE DO PORTO

A sociedade e a cultura do tempo actual são caracterizadas pelo efémero e transitório, frente ao estável e duradouro de apenas algumas décadas atrás. As mudanças sucedem-se com tal velocidade que podemos dizer que em cada década se inaugura um século. O pluralismo, a carência de ideologias sólidas, a debilidade das crenças, a insegurança e o relativismo moral, face à rapidez das investigações científicas e tecnológicas, são algumas das razões que explicam e justificam o que alguns apelidam de permanente crise (Gervilla, 1997). Paralelamente à evolução da sociedade também os sistemas educativos cresceram, mas não se desenvolveram o suficiente, oferecendo o mesmo a um muito maior número de beneficiários sociais, já que o aumento da heterogeneidade social dos seus utentes não se fez acompanhar da necessária flexibilização das suas soluções institucionais (currículos, metodologias, organização do tempo escolar, modelos de avaliação, modos de certificação, etc.).

Como refere Azevedo (2000, p. 9) «as escolas de hoje tendem a configurar-se, para muitos adolescentes e jovens, como um local de passagem, um longo ritual de iniciação, sem alma, sem fontes de motivação, sem projecto, um tem-de-ser, porque nada de mais relevante há para fazer». É que muitos destes alunos foram socializados noutros valores, de acordo com outras regras, tiveram outro tipo de vivências, têm outro tipo de conhecimento, possuem outros interesses, outras inquietações, outras formas de estar na vida. Obrigados a ir a uma escola que não se obriga a ela própria a mudar para ser capaz de os atrair e de lhes ser útil; uma escola que fica muitas vezes "indiferente à diferença".

Trata-se de uma escola que não foi concebida para eles e que, pelo contrário, desesperadamente tenta permanecer idêntica a si própria, por pressão de um sistema económico mais interessado no aumento da eficiência e eficácia e na competição (Cortêsão, 2000). Uma escola onde os alunos entram diferentes, mas são tratados como iguais. Simplesmente, as funções da escola não se podem de modo algum resumir à instrução; estendem-se a uma acção educativa mais vasta, que respeitando as diferenças individuais, procura contribuir para o desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade dos indivíduos. A escola deve respeitar a singularidade e especificidade dos alunos, nos quais se deverá apoiar todo o trabalho pedagógico, por forma a garantir o seu pleno desenvolvimento (Valentim, 1997).